

Revista Mafio - Grosso

PUBLICAÇÃO MENSAL

SCIENTIFICAS, LITTERARIAS, ARTISTICAS E TAP. MODERNAS

ANNO XI

Outubro - Setembro 1911

Nº 11. 3

Bento XV

O novo Papa

Hontem a igreja compassadapiente entoava canticos de tristeza e, vestida de luto, pedia ao Deus tres vezes santo, paz eterna para alma do grande Papa Pio X: hoje, revestida de gala, solta o *alleluia* festivo porque vê na pessoa do Cardeal Thiago Della Chiesa, o novo Papa, o Pastor supremo.

Indefectivel é de véras sua vitalidade. O novo Papa em ainda hontem, pela sciencia de escól, serena prudencia e diuturno tirocinio, uma das figuras mais proeminentes do sagrado collegio dos cardeaes, e veio hoje, por ellas aureolado, occupar o logar de Vigario de Jesus Christo, sobre a terra.

Desde quando o Nuncio Apostolico de Madrid, Mons. Rinaldini, foi elevado á purpura cardinalicia, dava-se como certo que seria substituido por Mons. Thiago Della Chiesa, então substituto do secretario de Estado. Pois já tinha estado durante varios annos na Nunciatura de Hespanha, com o Cardeal Rampolla, e precisamente quando Leão XIII foi convidado para ser padrinho do *rey niño*.

A direcção pontificia d'então, e aos catholicos hespanhões deve presentemente a terra do *tit* a paz interna, primeiro requisito para o desenvolvimento regular das grandes energias desperdiçadas antes em brigas liturgicas dynasticas e politicas. Interpretes fiéis dos pensamentos do grande Leão XIII foram o Nuncio e seu secretario.

Pio X porém julgava a séde archiepiscopal de Bolonha, não menos importante que o posto diplomatico de Madrid, e dando este a Mons. Vico, Nuncio em Bruxellas, chamou em 1907, como successor do saudoso Cardeal Svampa, D. Della Chiesa, que proclamado arcebispo no Consistorio de 16 de Dezembro de 1907, consagrado pelo mesmo Pontífice na Capella Sixtina aos 22 de Fevereiro de 1908, aos 23 do mesmo mez, entrava solennemente em Bolonha, recebido festiva e cordialmente pelo povo e pelo cléro.

D. Della Chiesa nasceu em Pegli, diocese de Genova, aos 21 de Novembro de 1854, de nobre familia que remonta ao seculo VIII, e cujo brazão dynastico foi honrado pelos feitos gloriosos de um general da marinha genoveza, Pedro Antonio (1590); e de trez senadores: Jerony-

mo (1590). André (1630). Pedro Antonio (1698). A família materna, dos nobres Migliorai de Sulmona, deu a Bolonha um bispo, e n'elle, mais tarde, um Papa á Igreja: Innocencio VII.

Completo em Genova os estudos, laureando-se em leis na Universidade: em seguida foi para Roma no collegio de Capranica — seminario dos aspirantes á carreira diplomatica ecclesiastica.

Passou para o collegio dos nobres ecclesiasticos, e de lá acompanhou a D. Rampolla a Madrid, voltando a Roma só depois que foi conferida a purpura ao homem que, no officio de secretario de Estado foi durante 16 annos o fiel, intelligente e energico collaborador de Leão XIII. Desde então toda a vida infatigavel de D. Della Chiesa consagrou-se ao serviço da Santa Sé, nos officios da secretaria de Estado, tão modestos na apparencia, e tão importantes pelo desenvolvimento da vida catholica do mundo inteiro.

Do organismo diplomatico pontificio Mons. Della Chiesa, foi por muitos annos «cheville ouvrière».

Nestes ultimos seis annos de sua gloriosa gestão, pelo zelo extraordinario na salvação das almas — e pela serena prudencia no difficil ministerio, impoz-se á admiração de quantos tiveram a dita de conhecê-lo.

No Concistorio de 25 de maio deste mesmo anno o saudoso Pio X, o nomeou cardeal, recebendo, no dia 28, solennemente o chapéo cardinalicio.

Reunido o Conclavo pela morte de Pio X, Thiago Della Chiesa obteve 46 votos sobre sessenta e cinco e, aceitando o supremo officio, tomou o nome de Bento XV.

Eis a largos traços a figura do escolhido pelo Espirito Santo a dirigir os destinos da mystica barca de S. Pedro.

Sobre Elle desçam copiosos os charismas divinos para que possa firma e seguro levar-nos ao porto de salvação, e ser de felizes filhos mais feliz pastor.



PREMIO A UM JESUITA

O premio de 1.000 pesetas, concedido pelo D. Leobart, á melhor obra publicada em hespanhol durante o ultimo decennio sobre historia, geographia, archeologia, linguistica, ethnographia e nomenclatura dos povos e territorios, comprehendidos na denominacão de 'Novo Mundo' foi attribuido pela Real Academia de Historia, de Madrid, ao Rev. Padre Paulo Hernandez, da Companhia de desapaueiro da obra «Organización social de las doctrinas guaraníes de la Compañia de Jesus».

Dilecti, n'um discurso celebre proferiu estas notaveis palavras: «O estudo da religião é essencial á mocidade. Para dar uma educação aprimorada á minha bibliotheca, depois de longas pesquisas, não pude encontrar um livro que se comparasse ao catecismo... Toda educação bem feita repousa sobre a religião.»

Voltamos: «Si eu fosse rei não queria lacaios sem religião, com recato de que me envenenassem.»

O CIFRÃO

A origem do signal \$, que é usado pelos americanos para designar o dollar; pelos hispano-americanos para designar o peso e pelos brasileiros e portuguezes para designar os respectivos mil reis, vem segundo as investigações do *Historical Record* dos tempos do Tyro, onde era usado como marca de cert. moeda.

As duas linhas verticaes representavam as columnas de Hercules, insignia da colonia de Gades hoje Cadiz, onde a moeda primeira circulou.

Quando se fez a união da colonia á mãe patria foi symbolisada pela ligação, entrelaçando as duas columnas e a moeda ficou adoptada como moeda Tyria.

Carlos V, restabeleceu o uso do effeito até os nossos dias.



Parnaso mattogrossense



NAPOLEÃO E D. ROSCO

*Quando, no madoz gineio, alcanço o gládio,
Sablino, elle assomou,
Dos clarins da batalha o ardente fremito
No mundo retrouo.*

*No auge das pagens reaes, rugiam-se purpuras,
Tombam rirando os reis,
Mauros barbantes na poeira alastram-se,
E as legiões dos beys,*

*Estaticas, encobrem as pyramides
O indomito arcael;
Cuidam que ante ellas passe a sombra olympica
Do helleno general.*

*Outro surgiu d'entre as neblinas iladas,
Cingindo a incerta cruz:
E a cruz, num mundo e n'outro mundo alteia-se,
Gostando etherea luz.*

*Dos soldados do amor o audoz manipulo
As tubas rêm passar;
Nas rucheas grolas o condor aninha-se,
Já não freme o jaguar.*

*Echôam psalmos desde os céus columbeos
Aos valles do Hindostão;
Qual no templo, nos páramos da Lybia,
Sôa o bronze christão.*

*Gigantes ambos, ambos legendarios,
Brofaram d'alem-mar:
O sabre d'um a derribar conquista-lhe,
Conquista outro a salvar.*

*A um da gloria as palmas embalaram-n'o
Na orbita feliz:
A outro inspirava desde o azul sorrindo-lhe,
A mais pura Beatriz.*

*"Napoleão!" ulula nas pyramides
O sinouu rugidor;
Respondem-lhe dos Alpes os pinaculos,
E as grimpas do Thabor.*

*O tricolor pendão suspira as glórias
De Marengo e Austerlitz;
E os gallicos canhões redobram nenas
Ao guerreiro infeliz.*

*E hoje, apenas um bronze, aos céus erpiendo-se,
—Imagem da que foi—
Aos posteros bosqueja o eulio homérico
Do malfadado herói.*

*Mas o da cruz em cada peito brinzeo
Dos filhos se encarnou;
Radiante e bello, marcha o invicto gladio,
Não terá Waterloo!*

*"D. Bosco!" então do Hymalaia aos píncaros
Dos Andes pocos mil,
De Asin e Africa os ureaes, da Europa as cupilas,
Palmares do Brazil.*

*Ao pé da Cruz o mais bravo nomade
Dobra a intonsa cerviz;
Oh! que aos bravos da cruz bafeje os animos
A divina Beatriz.*

Guaiabá, 1900 (correcta pelo A. em 1914.)

AQUINO CORRÊA



MUSICA

De la musique avant toute chose (Verlaine)
A VALENCIO DE BARROS

Musica... Som que accordas
o silencio da dor,
ou violino que grita a agonia das cordas,
ou flauta que suspira as tristezas do amor.

Dialecto da saudade
mysterioso, enternecido e triste,
tu fazes entender a vaga afinidade
do tudo quanto existe...

E's tu que nos infundes, doce e calma,
o prazer de ser triste e a gloria de ser bom.
O som é a linguaguem d'alma...
A alma foi feita p'ra entender o som.

Quem dirá dessa incognita magia
que nos invade o coração tristonho,
como a suave nostalgia
de alguma terra vista em sonho,

quando vemos nalgum velho teclado
qualquer
correr, de noite, ao doce luar prateado,
a carícia de uns dedos de mulher?

E' isto que ora me evoca o violino?
Seculo XVI ou XVII...
Uma marquezia de rostinho pequenino
dançando o minuête.

E as emoções que em mim desperta
o choro do violão,
quando na grande noite deserta
conta tudo que soffre e sente um coração?

Si da guitarra, em vez, o som esento
porque é que, incontinenti,
capa traçada ao hombro, ar resoluta,
vejo Don Juan passar ligeiramente?

E que direi daquella
voz de magua sentida e de enlevo sem fim,
que lembra o Rialto quando o céu se estrellia,
a voz do bandolim?

E a flauta, essa nostálgica? Exilada
da vida antiga, nella chora
a alma livre de Pan, encarcerada,
que já não corre empós de Syrinx como outrora.

Ainda por vezes erra
nas notas della uma das velhas illusões.
Cuida que está mareando, antes da guerra,
a cadenciada marcha das legiões...

Suas irmãs no seu destino triste,
—a harpa, já não suspira
nos côros da tragedia, nem assiste
aos festins de Capréa e de Bata a lyra...

Mas, eis que o órgão, dolente sôa,
vóz do silencio, alma da solidão.
que evôca as cathedraes medievas onde cehôa
a tristeza do canto chão.

O órgão é o preferido
das almas doces dos contemplativos,
—mystico, seduzido
pelos tristes e languidos motivos...

Num contraste sublimo
vibra a nota encarnada e ardente de um clarim,
contraste que na cor assim se exprime:
rubro raio rasgando um céu de azul setim...

Quero a gamma da musica divina
inteira, o som inteiro,
desde a viola tremula, em surdina,
até a epilepsia do pandeiro.

Musica, tu és a unica evocadora
que não precisa de outra evocação.
a arte completa... A vida sem ti fôr
Sem expressão...

Quanta coisa revelas num harpejo!
Tudo resumes, soberana Arte,
desde a delicia do primeiro beijo
até o adeus do ultimo olhar que parte...

Como o passado em tuas notas falla,
nessas valsas de 20 ou 30 annos talvez,
que os nossos pais dançaram numa sala,
em que se viram a primeira vez.

Quem não conhece a musica das aguas
e a do vento, sentida como um choro
cheio de estranhas maguas?
Quem nunca ouviu a voz do silencio sonoro?

Ha musica em cada uma
vibração, seja da alma ou da materia... Assim
ha rythmo na vaga a abrir-se em branca espuma
e no desabrochar de um calix de jasmim...

Ha uma canção azul no céu, antes do dia,
linda como um desejo adolescente,
e uma outra cheia de melancolia
no céu poente.

A paisagem é um canto. O dia é um hynno:
—*partitura* do céu, inda incerto a clarear,
vivissimo do azul, á hora do sol á pino,
smorzando da luz crepuscular...

Tremulos de agua, ao luar, cheia de vagos frisos,
Serenatas de velas no mar largo...
Até as serpes têm a musica dos guizos...
Só o paúl é sempre abandono e lethargo.

Nada

é mudo sob o céu... Tudo, aza, chibro, flôr,—
tra luz uma cmoçã, contida ou extravasada...
A alma tem a musica do amor.

Musica, assim, por certo.
és a melhor amiga...

Embalas nos, num canto, o berço e longe ou perto,
nos abres a cova numa outra cantiga.

Lembro me que um dia,
pequenino que eu era ao lado meu alguém
me embalava a cantar quando eu dormia.

A! hoje não me embala mais ninguém!

Mas me ficou daquelle tempo antigo
—não me custa dizel-o—
o amor da musica, e, ora, não consigo
mais esquecel-o...

E amo-a tanto que a pena mais doída
que tenho de deixar a vida é não poder
alem da vida,
quando morrer.

ouvir ainda a musica sentida,
cheia de magua e de mysterio,
que, como o ultimo rythmo da vida,
hade levar-me para o cemiterio...

JOSÉ DE MESQUITA



MÃOS...

Ao P. Aquino Corrêa

*Mãos tão brancas de neve, ó mãos que vão,
E nervosas e tremulas, levando
A teia de ouro e azul de uma Ilusão...*

*Mãos pequeninas, leves, delicadas,
Mimosas mãos, que vivem rescendendo
A perfumes de rosas machucadas...*

*Mãos que a docura têm do mel do Hymêto,
Mãos que lembram as ondas da harmonia
Palpitante e nervosa de um Sonêto...*

*Mãos pallidas, ó dores mãos de Santa,
Onde em misto de magua e de alegria,
A prece anda chorando e o beijo canta...*

*Mãos entre as outras mãos, ó mãos perfeitas,
Mãos formadas de todos os carinhos.
De beijos de anjos e de lares feitas...*

*Mãos queridas de mãe, mãos deliciosas,
Onde os aromas vão fazer os ninhos...
O' mãos-irmãs das lírios e das rosas...*

*Mãos que accendem sorrisos nos abrolhos,
Mãos que são Urnas brancas do meu Beijo,
E eu quizerá fechassem os meus olhos*

*Suavemente na minha Hora extrema...
Na suggestão, ó mãos, em que me vejo
Vinde corôar de luz o meu Poema!...*

LEONIDAS DE MATTOS



MAIO

*O céu é todo azul. Em tremulos dardejões
Chryseo se mostra a rir em pomposa festa,
Eusopando de luz a coma da floresta
De flôres enfeitada e repleta de harpejos.*

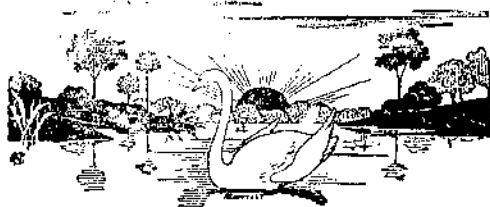
*Voam de flôr em flôr azas leves de beijos...
E, longe, bem longe, uma cabana modesta
Tem de lado um coqueiro esguio, como aresta,
Onde solta um canario ardentes trincotejos.*

*Em cada ramo em flôr a ballada de um ninho,
Um osculo de sol, um doce borborinho
Da brisa a perpassar por entre a ramaria...*

*E Maio que chegou sob um céu azulino...
Ah! Quantos cantos ha n'esse mez tão divino,
Nesse mez sem igual, n'esse mez de Maria!*

Calabá, 12-3 1914.

CESINO ROCHA.



Novos sacerdotes salesianos

«Hoje na capella do palacio archiepiscopal, ás 8 horas da manhã, o Exm. e Rvm. Sr. Arcebispo Metropolitano administrará a sagrada ordem do presbyterado aos dois diáconos salesianos reverendos José Pessina e Hippolyto Chovelon. O primeiro, de nacionalidade italiana, seguindo a sua vocação de evangelisar os selvícolas, aportava ás nossas plagas ha 10 annos, e demandava em seguida as colonias salesianas do Araguaya, onde se fez amado pelos bororos cuja lingua profundamente aprendeu, e, ainda actualmente presta seus serviços na escola agricola do Coxipó da Ponte. Alli somente aguardava a coroação de seus esforços na carreira que em tão boa hora abiaçara, afim de voltar de novo ao sertão e lá se consagrar inteiramente á civilisação dos nossos aborigenes.

O outro, reverendo P. Chovelon, de nacionalidade franceza, aqui chegou na mesma epoca, dedicando-se logo á instrucção e educação da nossa juventude que frequenta os acreditados estabelecimentos de ensino que os benemeritos Salesianos mantêm nesta Capital e em Corumbá. S. Rvma. têm nesses postos revelado apreciáveis aptidões didacticas principalmente nas mathematicas e na musica vocal.

Continue a praxe adoptada entre nós, cada um dos referidos presbyteros terá na solemnidade o seu paranympho, tendo sido escolhido os

nossos distinctos e illustrados amigos Drs. Costa Ribeiro e Freitas Coutinho.

O acto, que poucas vezes a população desta Capital têm tido occasião de assistir, se revestirá de grande solemnidade e certamente será bastante concorrido.

E' o caso de se darem effusivos parabens á digna e operosa Missão Salesiana por essa bella acquisição de mais dois intemeratos e incansaveis obreiros da sua grandiosa e humanitaria obra em prol do verdadeiro progresso desta vastissima região mattogrossense.»

(Da "A Cruz".)

«Na Capella do Palacio Archiepiscopal, realison-se antehontem a cerimonia da ordenação sacerdotal dos rvm.s. padres José Pessina e Hippolyto Chovelon. A' solemnidade, que foi celebrada pelo exm. sr. Arcebispo metropolitano, compareceram innumeras famílias e cavalheiros da nossa sociedade, sendo paranymphada pelos srs. desembargador Luiz da Costa Ribeiro e dr. Freitas Coutinho.

A pós o acto religioso, realison-se no Collegio Salesiano um lauto almoço em que tomaram parte os padres novos, os seus paranympfos e demais membros da Missão Salesiana.

Ao *dessert* foram erguidos muitos brindes, distinguindo-se o do reverendissimo d. Aquino Corrêa, que foi de grande felicidade nas idéas emitidas.

Durante o almoço tocou uma orquestra de professores.»

(Do *O Debate*.)

O raio de luz

ROMANCE DE

M.^{me} REYNÉS MONLAURTRADUZIDO DA 69.^a EDIÇÃO FRANCEZA
PELO

Dr. J. J. de Freitas Coutinho

ESPECIALMENTE PARA A REVISTA "MATTO-GROSSO"

XI

A multidão que ia de Jerusalem a Bethania, engrossava sempre. Era um vai-vem continuo de convencidos e de hostis, sobretudo de curiosos. O extraordinario do facto alvoroçava os espiritos de ordinario indifferentes.

O milagre da resurreição lançava sobre Jesus um sombrio reflexo do além: fallavam d'elle com espanto, quasi com medo. Porém isso fazia sua reputação crescer tanto, mettia-O fóra do commun, prosternava perante Elle a alma inconstante do povo. "E' o Christo! é o Messias!" Ouvia-se tal exclamação em todos os grupos dos que iam e vinham.

E no entretanto a conquista dessa multidão não era nem segura nem definitiva. Essa fé tão barulhenta ameaçava desaparecer, como tinha vindo, por um choque exterior. Era uma restea de luz, roçando a superficie da agua sem penetrar a massa profunda: uma nuvem que passa e tudo torna a cahir na sombra.

Suzanna desejava vivamente evitar esses ajuntamentos e esses commentarios.

A conselho de seu proprio irmão, esperou alguns dias até que a effervescencia se dissipasse um pouco. Quando, enfim, se poz a caminho,

foi ao nascer do sol: ia mais immaterial do que nunca, sob a emoção interior que ainda a revestia... Do alto do abyath, para onde havia subido a fim de rezar, Gamaliel a estava vendo partir...

Era uma manhã clara e calma. Nesses climas privilegiados o inverno se perde quasi sem transição na decura da primavera. Era um desses dias de crystal em que a propria luz parece mais transparente e mais leve. Uma espuma imprecisa mergulhava o horizonte em collinas pardacentas, suavizando os angulos, dando á arida terra uma doçura de um longo vaporoso. Suzanna caminhava lentamente, sentindo sua alma em harmonia com essa frescura da aurora, e seguindo seu grande sonho interior sem fallar, quasi sem ver.

Transpoz assim as duas millhas que a separavam de Bethania, tendo a um só tempo a pressa e o medo de chegar, não sabendo como abordar o Mestre, nem si ousaria lhe fallar. Em seus raros encontros tinha comprehendido bem que lhe seria impossivel dizer palavra. Hoje o pensamento de O salvar lhe dava um pouco mais de segurança. Dizia para si mesma que repetiria as palavras harmoniosas de Gamaliel e as dos psalmos, as de Hillel sobretudo: «Bendito seja aquelle que

vem em nome do Senhor», para que ella fosse menos indigna de ser por Elle escutada.

Essa preparação infantil a acalmava. Elle creava a illusão de se sentir menos longe de Jesus.

Mas quando Suzanna chegou á porta de Lazaro, assultou-a um brusco accesso de timidez. Murmurou, voltando-se para Sara: «Não ousa mais» — e por um momento, permaneceu assim hesitante sobre o limiar.

Entretanto, muitas pessoas passavam ao longo da estrada e seus olhares curiosos a incommodavam ainda mais. Suzanna fez um grande esforço e, atravessando o primeiro pateo, entrou.

A casa se lhe havia tornado familiar. Já Suzanna penetrava, através a galeria estreita, na grande sala á flor do solo, a sala dos festins e das reuniões de familia, quando cruzou com Maria, irmã de Lazaro...

Avistando-a, Suzanna correu ligeiramente. Maria tinha o véu com listras douradas que a donzella lhe havia dado na residencia de Simão, o phariseu. Maria se dirigiu para ella com o rosto radiante:

— São dias tão felizes! disse ella. Quiz reunir todas as lembranças que me são caras. E desde que tirei o véu do luto,—sabeis com que transporte de alegria,—o vosso não mais me deixou. Martha contou ao Mestre em que condições n'ó haviéis dado e Elle respondeu para vós a palavra prophetica: «E eu collocarei sobre sua cabeça uma corôa de alegria».

—Quanto Elle é bom! disse Suzanna confusa. Mas Elle não sabia talvez que a contar de certa hora longinqua eu vos amava.

—Elle sabia. Não credes então que Elle sabe tudo? perguntou Maria sorrindo. Porém Elle me retirou de tão baixo,—e vós fostes a primei-

ra, toda cheia de piedade para comigo!

— Julgais que eu possa vel-o? Interrogou timidamente Suzanna. Estou encarregada de uma mensagem de Gamaliel para Elle. E' muito grave. Meu irmão desejaria que eu pudesse lhe fallar em particular.

Maria levou-a pelo segundo pateo interior, atravessou seus aposentos e os de Martha, até o jardim:

—O Mestre está alli, disse ella. Podeis ir: Lazaro deixa-o neste instante.

— Agora mesmo? Sem prevenil-o? Perguntou Suzanna, chegando-se mais para perto de Maria. Ficará talvez surprehendido com a minha ousadia. Elle não me conhece.

Maria teve um sorriso indulgente de irmã mais velha:

—Jesus não é como nossos doutores ou nossos mestres. Jamais repelle ninguém. Chama-nos a todos. Ide antes que a multidão chegue.

O sol estava agora muito alto no horizonte. Inundava com uma claridade intensa o jardim de palmeiras, loureiros e d'aquellas esplendidas rosas florescendo em todas as estações. Dois ou tres sycomoros, sempre verdes, extendiam seus troncos enormes, fazendo com seus galhos uma especie de berço. Alguns cyclamens começavam a apparecer. Essas flores muito precoces tinham o encanto de sua fragil graça. O jardim precedia aquelle, mais elevado, em que estava o sepulchro. Era mais quente e mais abrigado. Suzanna não se recordava de ter estado alli, pois tudo lhe era novo. Altas palissadas de acueenas, apenas entreabertas, lançavam no ar puro um tenue perfume...

Jesus estava assentado numa pedra coberta de musgo, perto dessa delicada e florida cêcea. Achava-se

sosinho, com a fronte baixa, tão grave e parecendo tão distante da terra, que Suzanna durante alguns instantes não ousou approximar-se. Porém Elle a viu de longe e lhe fez um signal chamando-a. Suzanna adiantou-se até bem perto. Ajoelhou-se aos seus pés.

—Senhor, disse com uma voz baixa. Gamaliel, meu irmão, me envia. Elle Vos manda dizer...

Coitada! as palavras não chegavam. Parecia-lhe que a propria vida se detinha na indizível emoção.

—Tem confiança, disse Jesus com uma doçura infinita. Nada temas. Sou Eu.

Sou Eu! Esta palavra com afeição desfazia todo o medo. Todas as angustias e todos os temores de Suzanna se perderam numa intensa paz.

Era elle, a doçura, a bondade sem limites!

Ella se achou, com delicia, pequenissima e humillima diante do grande Propheta. Esqueceu tudo o que repetira a si mesma em caminho. Parecia-lhe que sua alma se libertava como um passaro que toma o vôo.

—Senhor, disse ella em sua candida ingenuidade, tinha procurado palavras que fossem menos indigna de Vós, as proprias palavras de meu irmão, harmoniosas como meu canticó. Não sei mais. Trago-Vos minha alma pequena e incerta.

Olhai-a atravez de minhas obscuras palavras.

E desde que tenho a graça de ser collocada no Vosso caminho supplico-Vos ajudai-me. Pro uro a Deus, ando como que ao acaso, nas trevas, sem poder lhe offerecer todos os enrinhos de meu coração, não sabendo o caminho para ir até Elle.

E Jesus disse:

—Sou o caminho.

—Senhor, tornou Suzanna, ensinam-me muitas cousas, mas cousas que nos magoam e gelam todo o impulso jubiloso. Tudo não morre, pois escutando-O tudo acordou em mim.

Tendo dito o que nunca tinha eu até então ouvido, aquillo que no entanto, negam e apagam vossas palavras sobre a bondade, sobre a pureza, sobre o amor de Deus e dos homens.

Limitam nossas relações para com Deus, as prescripções exteriores, sem se preocuparem com as nossas almas, com aquillo que em nós canta e em nós chora. Os melhores dizem que não é mister que nos misturemos com os outros, porque não somos como elles... Vós não amais essas cousas. Mas todas essas contradicções perturbam tanto!...

E Jesus disse:

—Sou a verdade.

—Senhor, não é bastante saber a estrada e ser ahí esclarecido pela Vossa luz. Somos tão fracos! Quero muitas vezes e não posso. Fico tambem miseravel. tantas cousas fazem soffrer e desanimam! Era preciso que constantemente uma solista mão se estendesse para nós e nos ajudasse. Mão bem poderosa... mas tambemterna! Muitas vezes julgo que entregue a mim mesma, caberei a cada passo...

E Jesus disse:

Sou a vida; vim para que vós todos a tivesséis —para que tu a tenhas—com mais abundancia.

—Ah! Senhor, uma vez que sois assim tudo, ficai entre nós, supplicou ella. Sois tão grande, somos tão pobres dos esplendores que se acham em Vós! Gamaliel mandou Vos dizer: Não Vos fallo sinão de mim na doçura de abrir minha alma, mas somente vim por Vossa causa.

Os sacerdotes não escondem o seu odio. Põem a Vossa cabeça a premio. Refugiái-Vos na Sturea, junto do Philippe. Esse milagre desceadeou sobre Vós um vento de tempestade. E' verdadeiramente a hora dastrevas.

—Mas si eu vim para essa hora, interrompeu gravemente o Mestre. Si o grão de trigo não morre, fica só. Mas si morre, traz muitos fructos.

—Não podeis neubar assim miseravelmente. Vós que necessitais de mortos. O Senhor não Vos ha de entregar áquelles homens! Não sabeis o que elles são e de que morte Vos ameaçam...

Jesus teve um olhar triste:

—E' preciso que o pastor seja ferido e que as ovelhas do rebanho sejam dispersadas: as ovelhas que ouvem minha voz: todos aquelles que conheço e que me conhecem... aquelles que eu tambem amo. Elles me hão de abandonar a tu...

—Mas morrerei por Vós, Mestre, exclamou Suzanna. Sei que nada sou e perto de Vós eu o sinto com uma doçura profunda.

Mas por mais indigna que eu seja de entrar em Vossos conselhos, ousei Vos supplicar que Vos salveis por nossa causa. Si tiverdes de morrer, si assim fôr preciso, ao menos que seja muito mais tarde, quando houverdes acabado a Vossa obra!

Deixae-nos que vos defendamos... Por piedade para commoseo, afastai essa morte com que o odio dos homens Vos ameaça. Quem acreditará em Vós si partirdes dessa maneira? Não sei dizer-Vos as palavras que são precisas... soffro demais...

Ella parou, sentindo lhe virem as lagrimas.

Jesus se inclinou para ella num

movimento dulcíssimo de misericordia:

—Não choreis. Escutei essas coisas terão um só tempo. E meu pai te ama, como Elle ama todos aquelles que me amam.

Ella se apoiou, ao acaso, sem uada ver, num leve e florido ramo. Uma aguçena muito alta, meio desabrochada, curva-se sob sua mão e cahiu aos pés do Mestre. Ella olhou sem comprehender, julgando que fôra nella que uma coisa fragil se tínia quebrado.

Jesus ajuntou com um accento de compaixão inexprimivel:

—Não podes comprehender agora. Mesmo para ti, é bom que Eu me vá. Dize a Gamaliel: «O Mestre te responde: Não devo beber o calice que meu Pai me deu a beber? Mas é para isso que eu vim.» E depois será a ressurreição, a alegria que ninguém te arrebatará.

Suzanna lançou sobre Elle um olhar de agonia.

—Então, disse ella, Vós que tudo podeis, tende piedade e me poupeis. Quando souberdes que a hora vem, ordenai que eu tambem me vá embora. A terra é tão deserta! E eu me sinto aqui só como um tumulo.

Jesus olhou profundamente para essa innocencia que o implorava.

Talvez deante do olhar pensativo do Mestre essa dôr ingenna obscurecesse ainda mais o céu tão obscuro do Calvario.

Talvez medisse Elle a alma cren-te e a achasse desproporcionada ao peso da afflicção. Não quiz Jesus levantar demais o véo que escondia tantas humilhações e torturas. Murmurou: «Elles me deixarão só». Mas antes que Elle pudesse ajuntar outra coisa, Suzanna ergueu a cabeça num impulso:

—Não, disse ella. Não escuteis es-

sa oração. Seria uma covardia. Não é preciso que vossos fiéis se escondam. Tudo é obscuro: comprehenderei quando quizerdes que eu comprehenda. Mas si Vossa obra não morre convosco, eu me proponho para vossa obra. Estarei lá, mais perto que eu poder, enquanto tiver um pouco de força. Quando não me virdes mais é porque desfalleci contra a minha vontade. Si é mister que Vós morrais,—e essa palavra cortou-a com um soluço,—morrereis menos triste pensando que deixais amigos promptos a entrar em vossa herança de labor e sofrimentos, e, si for necessário de morte. E depois, triumphareis, reinareis?

Quanto é mysterioso tudo isso! Mas en Vos offereço minha alma nestas trévas que me são sagradas e que Vós quereis para mim.

Jesus estendeu as duas mãos com um gesto largo. Pousou-as sobre a cabeça da criança, como que para reunir sobre ella todas as bênçãos da terra e todas as bênçãos do céu:

—E' eu, disse, quando fôr elevado da terra, hei de te attrahir para mim.

Suzanna se levantou, transfigurada neste sacrificio completo de si propria, offerecido e acceito. Pareceu-lhe que nella e em volta della tudo tinha mudado, que tudo era novo e santo. Não tinha obtido nada, mas se sentia crescida e bema-venturada, porque tinha tudo dado.

As altas pallissadas de açucenas lançavam no ar um delicado perfume...

Cuiabá.

Continua.

Chronica do Cuyabá

(*Annaes do Senado da Camara*)

(Continuação)

Anno de 1728.—Entrando este anno, como continuassem as calamidades relatadas, determinaram todos despejar este paiz e ir para o povoado uns e outros para Goyaz (2), que então havia chegado a noticia do seu descobrimento, sobre o que se faziam consultas secretas em que todos entravam conformes neste parecer, por não experimentarem os trabalhos que por todos os meios os accommettiam. Che-

gada a quaresma, celebrando-se os officios divinos na egreja Matriz, expondo-se o Santissimo Sacramento, em quinta-feira santa, posta a custodia no throno, que era de madeira, armado por fóra da parede da capella, sem tribuna, deu a custodia volta para a parte da Epistola, ficando com o lado para o povo.

Reparando-se nisto, subiu um sacerdote a endireital-a, chegando ao pé do altar tornou-se a vêr a custodia na mesma forma; subiu segunda vez e a endireitou, o que aconteceu terceira vez á vista de

(2) Para algumas informações sobre a descoberta das minas de ouro de Goyaz, vide paginas 55 a 63 do vol. XII do referido *Archivo de S. Paulo*.

todos; posta em seu logar a terceira vez não virou mais. Especulou-se si havia nisto alguma cousa humana e nunca se achou: attribuiram alguns a estar pensa a banqueta aonde assentava a custodia; eu com os meus olhos a vi achei-a direita sem propensão alguma (1), e muitas vezes depois do successo se reppôz o Senhor no mesmo lugar e nunca se viu que fizesse movimento algum—demonstração que fez Deus Nosso Senhor de que não era servido que se despovoasse este sertão como todos determinavam e da perpetuação desta colonia.

Partiu este anno bastante gente para povoado pelo mez de Abril, adonde foram em diversas malocas mais de mil pessoas, que iam ficando mortas pelos barrancos dos rios. Com estas enviou o General Cezar o padre André dos Santos Queiróz com sete arrobas de ouro dos quintos de El-Rei e mais direitos que havia cobrado; chegou o conductor a S. Paulo e entregou o dito ouro mettido em quatro cunhetas ao provedor da Real Fazenda, Sebastião Fernandes do Rego, de onde foram remettidos para o Rio de Janeiro e dahi para Portugal. Chegada a remessa a Corte e abertos os caixões achou se, em lugar do ouro, chumbo em grãos de munição e deu isto tanto estrondo em todo o reino que o seu echo chegou aos extranhos (1).

(1) Parece contradictoria ou phantastico este trecho, porque si o chronista escreve esta narrativa depois do anno de 1782, como disse na primeira pagina, não é provavel que pudesse ter visto *com os seus proprios olhos* o milagre aqui mencionado, que se deu em 1728; porém, tudo ficará explicado se aceitarmos a narrativa até este ponto como escripta por José Barbosa de Sá de cujo manuscrito se aproveitou o redactor Costa Siqueira, como elle mesmo confessa. Que o começo desta narrativa foi escripta pelo dito Barbosa de Sá confirma Diego Ordóñez em uma das notas já copiadas.

(1) Neste ponto traz o manuscrito a seguinte

Mandou logo Sua Magestade aviso ao Rio de Janeiro em não de guerra enviada somente a esta diligencia; entrou a não sem bandeira em signal da noticia que trazia; veio um decreto de Sua Magestade ao doutor Roberto Carr Ribeiro, juiz do fisco naquella cidade, para que passasse a S. Paulo a devassar o caso: era materia exposta para as conversas do povo, que em outra cousa não falava. Divididos em dous pareceres, affirmavam uns ser o chumbo mettido por Cezar nesta villa quando fez a entrega (1), outros que fôra feito a troca por Sebastião do Rego, provedor em S. Paulo, que teve os caixões em sua casa quatro dias, enquanto os não remetted para o Rio de Ja-

importante nota de Diego Ordóñez:

«Este notavel caso do furto de ouro dos quintos é tratado pelo major Taques em varias partes dos seus escriptos e com muita particularidade no titulo de Taques Pompeu, pagina 84. «Quem foi que cometteu o roubo foi Sebastião Fernandes do Rego, que em 1728 era provedor da casa de fundição de S. Paulo, provido pelo General Cezar, e por isso a elle pertencia o receber aquelles quintos. Elle era orgulloso, sagazissimo e capaz de um tal crime, e supposto que elle saliu livre de Lisboa e voltou para S. Paulo, na fôrta de 1730, com um grosso commercio de fazendas essecas, contudo, dando-se depois ao engano, foram expedidas novas ordens que chegaram a tempo que o mesmo Sebastião Fernandes do Rego estava morto e só teve lugar a confiscação nos seus bens. Taques diz que eram oito arrobas de ouro dos quintos que estavam nos cunhetos que estiveram em casa do dito Rego antes de ir na forma do costume com escolta militar para o Rio de Janeiro.»

O major Taques, aqui mencionado, é ainda o chronista Pedro Taques, author da *Nobiliarchia Paulistana*, que narra a historia deste roubo, praticado por Sebastião do Rego, o assassino do grande sertanejo João Leite da Silva Ortiz em viagem para Lisboa, onde poderia denunciar ao governo o mesmo roubo, e as mortos dos irmãos Leme por intrigas do mesmo Sebastião do Rego.

(1) Quem devia ter feito a entrega deste ouro ao conductor, padre André dos Santos, era Jacintho Barbosa Lopes, provedor da fazenda real de Cayabá e não Rodrigo Cesar, que era somente governador e não agente fiscal do governo colonial. Nunca o governo portuguez suspeitou que Cesar tivesse tido parte neste roubo.

(X. do C.).

neiro; levantando cada um dos sequitos horrendos alevos com que queriam justificar a sua opinião, conforme as suas inclinações — laço com que o inimigo commum prendeu muitas almas, porque alguns dos sequitos affirmavam falsamente o que diziam.

Eu digo que todos affirmavam falsamente o que diziam, porque Cesar era fidalgo e portuguez, sobrado de bens da fortuna, em tal fórma que os repartia a muitos, principalmente aos pobres, catholico, amante de Rei e interessado em serviço da Corôa para os accrescentamentos da sua pessoa, que por isso não faria aquelles excessos na arrecadação da Real Fazenda, emfim era Cesar por nascimento. O provedor Rego com menos obrigações e mais relevantes provas de sua ignorância, abundante de bens da fortuna (2), estabelecido em contractos e negociações mercantes, amigo de honras, prudente, sciênte do bem e do mal e da pena em que incorria quem tal absurdo fizesse, e finalmente não teve tempo de obrar tal cousa.

Resultou da devassa do caso que se tirou prender-se Sebastião Fernandes do Rego e sequestrarem-se-lhe todos os seus bens; remettido elle para Portugal, pôz-se em livramento, sahio solto e livre, mandou-se-lhe entregar todos seus bens,

e o General Cesar foi promovido para o governo de Angola. Pelo que digo que todos os que culpavam um e outro mentiam no que diziam, jurando e affirmando falsamente só para satisfazer suas paixões; pois quem fez aquella versão de ouro em chumbo não foi mão humana e sim a Divina Justiça pelas lagrimas dos pobres miseráveis, que entregavam escravos e fazendas por não terem com que pagar os direitos Reaes, com que se perfizeram aquellas sete arrobas de ouro, para com ellas lisongear o monarcha e facilitar as graças (1).

Neste mesmo anno pelo mez de Setembro seguiu viagem o General para povoado, deixando o governo militar ao brigadeiro Antonio de Alencida Lara e por ouvidor Rodrigo Bicudo Chassin. Mandou que se não pagassem mais quintos de ouro, pela contribuição dos escravos e que se fosse quintar o ouro na cidade de S. Paulo, aonde então se plantou a Real Casa da Fundição nesse mesmo anno por disposição regia. Passou nesta villa varias patentes de capitães-môres, sargentos-môres, capitães e outros varios cargos. A mais notavel dellas é a que passou de capitão-mór povoador a Luiz Rodrigues Villares, declarando nella

(2) Sebastião do Rego era pobre quando chegou a S. Paulo e foi nomeado provedor da fazenda real nesta cidade. Aqui casou-se elle com uma viúva, D. Mariana Caminha, que tinha duas filhas e possuia alguns bens de fortuna, mas não era positivamente rica. A fortuna de Sebastião do Rego veio do furto que fez dos bens dos irmãos Leme, mortos por suas intrigas, e dos roubos dos quintos reaes, augmentados com o commercio de fazendas do reino e de escravos da Africa, muito facilitado por sua posição de agente fiscal, que não pagava imposto. Vide a historia dos irmãos Leme no fim do volume XII do *Archivo do Estado de S. Paulo* e mais o Anexo B do vol. XIII.

(1) Esta crença de ouro ter virado em chumbo como castigo das violências do fisco colonial, ficou muito vulgarizada na capitania e foi mencionada por Machado de Oliveira no seu *Quatro Histórias da Província de S. Paulo*. O cronista, affirmando este milagre por conta propria, deixou de ser critico para ser crente e perfillou duas inverdades historicas. Não houve milagre, mas roubo muito audacioso praticado pelo provedor Sebastião Fernandes do Rego de mãos dadas com o novo governador Gabriel Pimentel. Quatro dias que os caixões estiveram na casa de Sebastião do Rego eram bastantes para fazer-se a troca do ouro pelo chumbo e o selo foi fornecido pelo governador cumplice.

os muitos serviços que havia o dito feito á Corôa e ao bem commun, por onde se fazia credor de grandes merecês, e nenhuma lhe concedeu mais do que tão sómente o título. Com a sua saída melhorou o augmento da terra e passaram-se as pragas, lagrimas e misérias (1).

(1) Sobre a retirada de Rodrigo Cesar de Cuyabá e auctoridade que elle lá deixou, escreve o Diogo Ordonhães a seguinte nota:

«Neste paragraho ha tres erros notaveis: «Primeiramente consta de uma certidão que «passaram os camaristas ao General Rodrigo «Cesar, registrada a fls. 7 do 1.º livro da «Registros, que o mesmo general partiu no dia 5 «de Junho deste anno de 1788. Em segundo lugar achase a fls. 74 do mesmo livro 1.º de «Registros uma carta do sobredito general quando «já se achava embarcado, com data de 6 de Junho do mesmo anno, escripta aos camaristas, na qual lhes diz que tenhelles pedido o seu «parecer sobre a pessoa a quem, como regente, «deixasse o governo destas minas, elles deixaram á sua «dilecção; pelo que nomeava ao mesmo «senado para regente dellas. etc. Logo adiante se acha registrado o regimento que lhes deixou para o governo.

«Em terceiro lugar é menos verdade dizer «que Rodrigo Bieudo Chassin ficou por ouvidor. «Esta capitão foi o primeiro juiz ordinario que «saíu ao pelouro, com seu acompanhante o «tenente-coronel João de Queiroz Mascarenha «Sarmiento, abertos um 1.º de Janeiro de 1727, «flia em que se erigiu em villa esta povoação, «como consta de um termo extrahido dos livros da «secretaria e lançado no sobredito dos Registros, «a fls. 21, e do livro 1.º das vereanças, a fls. 2 e 3. «Como, pois, o desembargador Antonio Alves «Lanhas Peixoto, ouvidor de Paranaíba que, «veio por assessor do general, se excusou por «carta de 8 de Abril de 1727, com motivos de «molestias das occupações de ouvidor, as quaes «lhe tinham sido incumbidas pelo mesmo general, este nomeou ouvidor ao dito capitão Rodrigo Bieudo Chassin, como juiz mais velho, «por carta muito honrosa que lhe escreveu no «mesmo dia 9 de Abril. e ambas estão registradas no dito livro, a fls. 23 e 25 verso. Porém, o mesmo ouvidor Chassin se ausentou «para povoado, encarregado de ordens do general, como consta da que se achá registrada, a fls. 24, em data de 2 de Junho de 1727, o em «seu lugar foi eleito de barrete o mestre do «campo Antão Leme da Silva a 16 do mesmo «mez, como consta do livro de vereanças, a fls. «4, e por bem da lei entrou a servir do ouvidor que foi approved pelo general, como consta de varios logares dos ditos livros; de sorte que, quando se ausentou o dito general, não ficou ninguém por ouvidor, porque servindo «esta villa o capitão-mór Diogo de Lara e Moraes como juiz mais velho, em 1728, o mesmo general houve por extinto o logar de ouvidor «pelas razões dadas na carta que, a 4 de Abril, «escreveu ao dito capitão-mór, registrada no dito «livro, a fls. 60 verso. Ortonhães.

Este Luiz Rodrigues Villares, de quem agora falamos, que foi promovido pelo General Cesar em o posto de capitão-mór povoador, foi o europeu que mais serviços fez a sua Magestade nestas não só dilatadas como importantes colonias, porque, além do muito cabedal que despendeu para a sua conservação e augmento, gastou muito nas expedições para a redução dos gentios sem outro interesse mais que o virem para o gremio da Igreja, pois, assistindo elle com a despesa para as bandeiras, nunca houve á si um só indio para o seu serviço ou utilidade. Avalia-se que despendeu para uma ou outra cousa o melhor de vinte mil oitavas de ouro, por cuja causa e por outras avultadas perdas que teve morreu pouco abundante. Era de estatura baixa, olhos azues, barbas rachadas, claro, de bom juizo, muito lido, activissimo no negocio, amigo da paz inimigo de que se falasse das acções do proximo e amante em extremo da pobreza quem muita soccorria, chegando a despir a camisa do corpo para dá-la á algum miseravel, além de outras muitas virtudes de que era dotado (1). Faj na igreja Matriz desta Villa, onde foi sepultado no dia 7 de Janeiro de 1769. (Cont.)

Os erros praticados pelo chronicista e rectificados por Diogo Ordonhães são desculpaveis porque elle escrevia em Cuyabá, onde só tinha a sua disposição o pequeno archivo da camara municipal, quando o ultimo escreveu as suas notas aqui em S. Paulo, muitos annos mais tarde e podia consultar os archivos da camara e do governador.

(1) Diz Azavedo Marques que este Luiz Rodrigues Villares teve uma filha, Ignacia Rodrigues, que foi casada com sargento-mór Lopo dos Santos Serca e teve um filho a quem deu o mesmo nome de Luiz Rodrigues Villares. Este formou-se em canones em Coimbra, tornou-se conego e arcebispo da Sé de S. Paulo e mais tarde bispo da ilha de Madeira, onde falleceu em 1810, deixando para a Sé de S. Paulo ricos ornamentos com que até hoje se veste o bispo desta diocese.

(N. do C.)

Contraveneno religioso

CARTA OITAVA

Tolerancia e Liberdade.

Palavras claras: EST. EST; NON NON.—Diz-se: tambem os outros julgam ter razão—Os catholicos querem a liberdade para si, não para os outros—Baptizar as creanças antes que tenham o uso da razão é attentar contra a liberdade—E' preciso respeitar todas as opiniões.

SARDOSO CARLOS.

(Continuação)

Mas isto é dizer que os catholicos querem a liberdade plena tão só para si, e nada para os outros; ao passo que ella deve ser tal para todos ou para ninguém.

Ou para todos plena ou para ninguém? Tambem os presos dizem o mesmo em suas prisões; tambem os exilados dizem no seu desterro; e até os criminosos de suas galés bradão: liberdade plena para todos ou para ninguém!

Olha, Carlos: nós queremos a liberdade para a verdade e o honesto, pois só a verdade e o honesto, teem tal direito, não o erro e nem a iniquidade! Da mesma maneira que um deve vender aguas boas e não as podres; as herbas salutaes e não as venenosas.

Mas desde que ao erro e a iniquidade seja outorgada o direito de manifestarem-se livremente, não feremos nós então duplo direito de reclamar que a verdade se conceda ao menos outrotanto? isto é: aquella liberdade que exclusivamente deveria ser peculiar á verdade, seja-lhe dada em commun com os seus inimigos? Somente ao homem de bem assiste o direito de ir livremente pelas ruas e esquinas sem que seja insultado ou offendido; mas si

o malleitor, o libertino, o ladrão passem livremente; claro está que ao homem de bem assiste duplo direito de fazer outrotanto.

Ora: o erro é um ladrão que procura subtrahir aos homens o maior bem que haja sobre a terra: o intellectual e o moral. Este ladrão não deveria estar livre, mas sim accorrentado em um calabozo; porém visto que o humano progresso o livrou, e deu-lhe azo de saquear o patrimonio da mente e do coração; a verdade não terá duplo direito de vigiar livremente este patrimonio e de bradar: para tráz os ladrões? No entanto dirás: os catholicos embora gritem contra a liberdade, são os primeiros a usarem della.

Por certo. E que mal ha n'isto?

Com certeza um homem de bem protestará contra a permissão geral, de levarem todos consigo pistolas, punhaes e revolvers e qualquer arma, de que os malvados certamente abusarão; mas si vir que todos levam armas, tambem elle levar-as-á para se defender, e não se deixar matar, em caso de perigo como um passarinho.

Da mesma forma nós protestamos contra a liberdade de offensa e usamos da liberdade de defesa; gritamos contra a liberdade do veneno, e usamos da liberdade do antidoto; onde está a contradicção?

Esta liberdade de defesa não é uma prenda que nós dão; é de um direito natural que usamos, e por isso não devemos agradecimentos a ninguém.

**

Mas vós attentais contra a liberdade de consciencia, baptizando as creanças que não chegaram ao uso da razão. Deixae-as crescer até a quinze, aos dezeseis ou vinte annos, e então de per si escolherão a religião.

Devéras? Porque não fazeis o mesmo com os vossos filhos nas sciencias humanas? Não é attentar contra a liberdade da razão encher aquellas pequenas intelligencias com tantas noções de historia, geographia, de arithmetica, e até de astronomia, antes que possam de per si julgar? ... Deixae-as crescer até aos quinze, ou vinte annos, deixae que durante este tempo todo sejam *tabula rasa*, para que o germen da razão possa crescer livremente, sem achar o campo occupado por ideias que poderiam ser preconceitos ou falsas.

Vós quereis as creanças até aos quinze ou aos vinte annos sem religião. Seja: mas até áquella idade o que farão? Viverão a vida dos cachorrinhos e dos poldros, correrão para cá e para lá sem Deus, sem fé, sem principio e sem saber para qual fim vieram neste mundo.

E como sem bons principios, não ha bons costumes, assim os costumes d'elles serão os dos poldros, i é: laivos, indeceis, insubmissos a qualquer freio de disciplina. Eis a adolecencia.

E a mocidade o que será? alcançados os quinze ou os dezeseis annos, vós dizeis que começarão a estudar os grandes problemas religiosos para entre as tantas religiões escolher a que devam seguir?

Mas fallais serio? Tão só a ideia de um moço inherbe que assenta *protribunali* começando a julgar das diferentes religiões, não vos provoca ao riso?

Sabeis antes vós o que fará um joven, que chegou aos quinze ou vinte annos sem religião? Dirá consigo: Passei também até agora vivendo como mais me agradava, sem religião; porque deverei agora atormentar-me com estes antipáticos pensamentos? A minha religião será esta de não ter nenhuma d'ellas, é tão commoda.

E passará a mocidade, a virilidade e a velhice como passou a adolescencia, e partirá deste mundo sem saber para que veio, e sem render homenagem a quem o criou. E assim vós em vez de salvardes os direitos da razão tereis asphiado unicamente a razão e a fé; em vez de fazerdes d'elle um homem racional, tereis feito um ser irracional. Bonito trabalho!!!

**

Enfim: é necessario respeitar todas as opiniões.

Devagar. Esta palavra opinião, tem duplo sentido: um proprio, improprio outro. No proprio significa uma crença, um parecer mais ou menos provavel e que não pôde trazer consequencias nocivas. E neste sentido as opiniões dos outros não só devem ser toleradas, mas respeitadas. Pois embora me pareça que o outro o qual penso differente de mim, esteja errado, devo porém reflectir que eu proprio poderia estar errado, sendo eu fallivel como o outro. E por isso a modestia a cortezia o mais ainda a caridade christã permite-me não insistir com demasidade calor no meu parecer, e por en o dos outros, e presente a essas posso-

as homenagem de estima e reverencia.

E precisamente é este o caso ao qual deve-se applicar a sentença de S. Agostinho ou de qualquer que seja: *In dubiis libertas*.

Mas nem sempre a palavra opinião tomase no seu verdadeiro sentido, a significar uma crença, um parecer mais ou menos provavel e innocuo; amiudo, antes, alarga-se a significar qualquer parecer, qualquer crença até contraria ás verdades mais certas e inabalaveis. Por exemplo aquelle Comunista tem a *opinião* que possuindo tu dois relogios e elle nenhum, a razão quereria que um dos dois passasse do teu ao bolso d'elle, e realmente com uma esperteza de mão fal-o-á passar.

Respeitarias tu uma tal *opinião*; ou outras de igual genero? Nestes casos o respeito a todas as opiniões

seria equivalente: Eu respeito todo delirio e extravagancias dos cerebros humanos; e isto é altamente indigno de um homem racional e mórmente de um philosopho. Se a philosophia é o amor e a busca da verdade, como queres tu que ella possa sem renegar a si mesma, respeitar um erro, e um erro manifesto e pernicioso? Logo quando trata-se dos grandes principios moraes e reijigiosos, de cousas certas e necessarias, requer-se unidade não liberdade: *In necessariis unitas*.

Isto não impede que se use para com aquelles que erram uma caridade respeitosa; porque são sempre nossos irmãos, e porque as suas maneiras são os meios mais efficazes para reconduzil-os ao recto caminho. *In omnibus charitas*.

Fim da carta VIII.



Solennes exequias

Pelo descanso eterno da alma immortal do saudoso Pontífice Pio X, foram promovidas pelo Exm. e Rvmo. Sr. Arcebispo D. Carlos L. d'Amour, solennes exequias, a 27 do mez passado, na Egreja Cathedral.

Assistiram o Exmo. Sr. Dr. Joaquim A. da Costa Marques, d. d. Presidente do Estado; o Exmo. Sr. Dr. Secretario do Interior; muitos deputados estadoaes, o Vice-Consul da Italia, o clero regular e secular, e grande multidão de fieis.

O Exmo. Sr. D. Francisco d'Aquino Corrêa, d. d. Bispo Auxiliar, produziu um magnifico elogio funebre denso de elevados conceitos, peregrinas imagens, evidenciando os merecimentos extraordinarios do grande Pontífice, e arrancando lagrimas dos numerosos ouvintes.

A 19 deste, na Capella do Lyceu S. Gonçalo, a Missão Salesiana effectuou solenne funeral pela paz eterna do inolvidavel Pontífice, por sem duvida, pae extremoso para com os Salesianos, e bemfeitor extraordinario da Missão deste Estado.

O Rvdo. P. Luiz Montuschi, S. S., então disse com eloquencia e sentimento a oração funebre que publicamos, certos que servirá sempre mais a representar melhor perante o publico a meiga, attrahente, sympathica e grandiosa figura do ines-

quecivel Pontífice, que durante 11 annos regeu a egreja catholica.

Ella:

Na parte meridional da Europa nas cristallinas aguas dos mares Adriatico e Tirreno, deita-se placidamente a graciosa peninsula italiana.

Qual vaidosa donzella que ufana contempla em terço espelho o seu encanto, e, enlevada mais se aformosea, a Italia desvanecida reflecte nas tranquillias aguas dos dois mares as aveludadas planicies que a mimoseam. Os empinnados alpes emolduram-lhe qual diadema imperia a fronte altiva, separando-a das outras nações europeas; ao passo que os Apenninos, como rica e sedosa trança de loiros cabellos, descem-lhe até os pés.

Seu céu é tão azul; suas estrelas são tão fulgentes, tão delicioso é seu clima, tão perfumosas suas flores, tão maviosas suas aves, tão variegados são os panoramas; são tão bellas as cidades, uberrimo o sólo, que os geographos antigos e modernos merecidamente a definiram: O jardim da Europa.

Nella pullulam as cidades, cada uma opulenta de dezenas e dezenas de monumentos historicos, que os doutos visitam com afan, estudam com carinho, e admiram com assombro!

Roma é a capital, Napolis a mais populosa; Milão a mais commercial, Bologna a douta, Padua a cidade da jurisprudencia, Genova a soberba, Veneza a fada encantada do Adriatico; e dezenas, e centenas de outras igualmente bellas e attrahentes.

Nessa nação tão resumida, mas riquíssima, a natureza e a arte esbôçaram-se, á porfia, para embelezal-a, de maneira que sua posse foi sempre apetecida pelos povos limitrofes, e pôde ella unicamente pelo esforço herculeo e continuado de seus filhos exercer sua hegemonia, e mais tarde tornar-se independente e grande. Mão extremosa das artes e das sciencias, do commercio e da industria, teve como filhos incomparaveis lettrados, maviosos poetas, celeberrimos musicos, arrojados architectos, destemidos navegantes. A Italia é um novo Eden; em toda parte um clarão de luz, de valor e de genio, de sciencia e de lè, de belleza e de gloria! Porém o que nella mais se admira, o que conservou-lhe incontestavel supremazia durante 20 seculos, foi o anjo bemfazejo que a Divina Providencia nella collocou para que a tutelasse: *O Romano Pontífice*.

E outrossim nestes ultimos cincoenta annos, em que os partidos subversivos tiraram-lhe o esplendor e a gloria: em que as cruentas lutas de classe roubaram-lhe a encantadora paz que os seus antepassados gozaram tranquilllos e decantaram satisfeitos, nestes ultimos 50 annos a aureola mais rutila que ao conceito publico engrandece o nome italiano é o *Romano Pontífice*.

Si o commercio cresceu, si a tremenda derrota de Abba Garinma foi apagada e recompensada pelos triumphos e anexação da Tripolitania; hoje o povo italiano não se sente nem mais rico, nem mais feliz nesta terceira Italia, e repete forte e unisono: *Gloria Italiae Romanus Pontífice*.—Gloria da Italia é o Romano Pontífice.

E que carradas de razão tenha ella em soltar o honroso grito, pô-

de-se ao certo auferir si se considera a profunda impressão que produziu no mundo inteiro o funereo veu que essa vaidosa donzella vestiu pela morte do immortal *Pio X*. Hoje o mundo civilisado e intellectual acompaunha o luto italiano e brada em forte rythmo: *Salus et gloria humanitatis Romanus Pontífice*. Gloria e salvação da humanidade é o Romano Pontífice.

Findou-se *Pio X*! Retido no Vaticano, palacio equivalente a uma prisão, sua fama invadia o mundo; e hoje a parte mais sã da humanidade, geme, chora, eleva preces!... Facto inexplicavel... Para muitos humanamente fallando era um estrangeiro, para todos o humilde filho de um camponez! Mas seu coração de pae extremoso encerrava o mundo inteiro, amava a todos, e era por todos amado. Pela sabedoria de escol, bondade acrisolada, virtude singular foi guindado a mais exceelsa dignidade que haja, por sobre a terra; e soube-se haver com honra, e ganhou o coração de quantos a Elle se achegavam, ou que O conheciam. Morto, choram todos inconsolaveis a immensa perda!... Seu passamentto rapido como o relampago annunciado de um a outro pólo salutarmente impresionou!... E a Sua branca e diáfana figura, nivea e candida como a doutrina celestial do meigo Nazareno, de Quem era o Vigário, afigura-se á intelligencia humana, como imagem paradisiaca; anima, excita ao bem, engrinalda sua preclara individualidade com os clarões da immortalidade.

Menino, padre, bispo, patriarcha e Papa, *Pio X* é sempre um grande, e sempre um bom. Por entre o tumultuar das paixões humanas, por entre a ruina das instituições, por entre a agitação e o oscillar incons-

tante dos povos, sua voz resoa limpa e vigorosa, apontando o caminho seguro a trilhar, a vereda salvadora a percorrer, e ao descançar resplandece de maneira admirável nos diferentes e difficillimos cargos da mortal carreira.

A sciencia e a virtude engrandecem os homens. Na virtude e na sciencia *Pio X* foi um perfeito. O sepulcro que ha pouco abriu-se para receber o seu corpo enregelado, desde já mostra em grandiosa apothecose o valor moral de sua elevada personalidade, digna de figurar, não desmerecendo, ao lado de quantos assentaram na S. Sé.

Succedendo a Leão XIII, *Lumen in caelo*, cuja sabedoria fulgirá ad-

miravelmente; *Pio X* fez já o honroso título de *Ignis ardens*: fogo abraçador, com que os povos, seguindo uma tradição, erradamente como prophesia attribuida ao Bispo S. Malachias, quizeram apellidalo....

Convidado, ha poucos dias, para depositar sobre o tumulo do immortal Pontífice uma oração fúnebre, que embora imperfeitamente d'elle esboçasse a gigantesca e muscúla figura, accedi prazenteiro; e embora conheça não poder estar na altura dos elevados meritos do pranteado e sandoso extincto, esforcei-me-ei para apresental-o grande—na sciencia,—no zelo,—na caridade.

(*Continúa*)



Os miraculados de Lourdes

Celebrou-se em Paris, n'uma sala do «Bon-Théâtre», a reunião annual dos miraculados de Lourdes, durante a ultima peregrinação nacional.

Presidiu Mgr. Schœpfer, o conhecido prelado de Tarbes e Lourdes, secretariado pelo R. P. Bailly, director da Associação Geral de N. Senhora da Saude, e pelo Dr. Boissarie, presidente do «Bureau des Constatations».

Assistiram uns cincoenta medicos e numerosos ecclesiasticos.

A sessão foi iniciada por uma oração rezada em voz alta por Mgr. Schœpfer.

Em seguida os medicos apresentaram á assembleia e á assistencia dez casos de curas subitas. O dr. Marchand, major-medico reformado, fallou da sua visita á Lourdes durante a ultima peregrinação nacional.

«Confesso, disse o velho militar, que ao tomar o caminho de Lourdes, ia com o espirito um tanto desconfiado e possuido de um scepticismo reservado e precavido. Porém o espectáculo daquellas manifestações grandiosas de uma fé entusiasmada e convicta e a probabilidade incontestavel dos medicos convenceram-me e fizeram de mim um adepto sincero de Lourdes».

As palavras do dr. Marchand, produziram grande impressão e todos concordaram que Lourdes se impõe ao mundo, á sciencia e á Fé com uma evidencia irrefragavel.

Origens de algumas cerimoniaes religiosas

O Papa Sergio I, em 687, ordenou que se rezasse o *Agnus Dei*.

Leão II em 683, na missa se desse o osculo da paz e que se lançasse agua benta sobre o povo.

O Papa Severino, em 604, introduziu o uso das lampadas acesas nas Egrejas.

S. Eloy, ourives, fez a primeira lampada que bouve, e offereceu á cathedral.

S. Gregorio Magno, em 590, ordenou que na missa se cantasse 9 vezes o *Kirie eleison*, instituiu as ladainhas e a procissão de Ramos.

S. Damaso, em 1381, mandou que no principio da missa se dissesse o *confiteor* e depois do Evangelho o *credo*. Foi o primeiro que mandou cantar *Alleluia*. S. Dionizio, em 265, instituiu as dioceses e parochias.

S. Alexandre I, em 122, estabeleceu o uso da agua benta.

S. Telesphoro em 135, mandou que no dia de Natal se dissesse a missa á meia noite, e ordenou o jejum da quaresma.

S. Hygino, em 141, instituiu os padrinhos e madrinhas no baptismo das creanças,

S. Antêto, em 185, ordenou que os padres fossem tonsurado, trazendo coroa aberta.

S. Cyrillo, em 185, prohibiu o casamento aos ecclesiasticos.

Ext.

NOVO GIGANTE DOS MARES

A companhia Italiana do Lloyd Sabaud, tão conhecida no Brasil, assignou com os estaleiros de Glasgow o contracto para a construcção dum grande transatlantico, destinado á carreira da America do Sul.

Elsas principles caracteristicas do futuro *«Leviathan»*:

Comprimento, 175 metros; largura 21 metros; tonelagens, 16,000 toneladas; deslocamento total, 21,000 toneladas; velocidade 20 milhas; machina de turbina, dum poder de 40,000 cavallos; numero de passageiros de primeira classe, 2,200.

São os estaleiros Beardmore, de Glasgow, que construirão este novo gigante dos mares.

OBSERVATÓRIO METEOROLÓGICO "D. BOSCO"

dependente do Lyceu Salesiano de Artes e Offícios

Em Cuiabá, Estado de Matto-Grosso. Director Padre Dr.

F. de Aquino Corrêa e Secretário Sylvio Milanese

ALTITUDE DA LOCALIDADE: 235m 02, LATITUDE 15° 35' 49" LONGITUDE: 12° 50' 7"
(Oeste, do Rio)

N. de Observações por dia às 6.44 a. m. à 1.11 e 3.11 p. m. hora local

TABELLA I

Agosto 1914	PRESS. BAROMETRIA reduzida á 0° 760				EXTRE- MOS da tem-		THERMOMETRO secco				THERMOMETRO humido			
	6.44 a.	1.44 p.	3.44 p.	Med.	perat. 8.44 p.		Max.	Min.	Max.	Min.	Max.	Min.	Med.	
					Max.	Min.								
1	49.5	47.7	48.6	47.6	27.7	17.3	18.2	27.2	23.6	22.8	15.7	17.7	17.4	16.9
2	49.5	47.6	48.4	48.5	27.9	18.0	18.5	27.1	23.0	22.9	15.2	18.1	18.2	17.9
3	50.0	46.9	47.5	48.1	30.1	18.6	18.8	28.5	24.2	23.8	15.7	19.0	20.0	18.2
4	47.7	46.6	48.2	47.5	31.9	19.9	19.6	30.7	25.9	25.4	17.0	20.6	20.2	19.2
5	49.0	46.9	48.4	48.1	32.0	20.9	20.1	31.0	25.1	25.4	17.2	19.2	19.1	18.5
6	49.7	48.5	49.4	49.2	31.5	22.3	21.8	30.9	26.2	26.1	17.6	22.0	21.5	20.9
7	49.4	48.9	48.7	49.0	30.8	22.6	23.0	29.7	25.3	26.0	20.2	20.5	20.5	20.4
8	48.9	46.7	47.1	47.6	30.8	21.9	20.8	29.6	25.2	25.9	17.0	19.0	20.3	18.7
9	47.3	46.6	45.6	45.8	32.7	21.9	20.9	30.5	26.8	26.1	16.7	21.7	21.8	20.1
10	46.8	45.2	47.1	46.4	33.1	25.3	25.0	32.2	28.0	28.4	20.7	23.0	21.4	21.7
D. 1.ª	47.7	46.9	47.9	47.5	30.8	20.9	24.6	29.6	25.2	25.2	17.3	20.0	20.0	19.1
11	47.2	45.3	46.0	46.2	32.8	24.9	24.7	31.5	25.7	27.3	21.7	23.1	22.5	22.4
12	46.4	45.2	45.9	45.8	30.4	24.3	23.3	29.4	27.0	26.6	21.5	23.5	23.7	22.0
13	45.7	43.4	44.8	44.6	33.5	24.4	24.7	32.5	29.0	28.4	21.7	22.5	22.4	22.2
14	46.7	44.2	45.7	45.2	34.5	24.1	24.2	33.2	28.4	28.6	21.0	22.6	23.6	22.4
15	46.5	45.0	46.0	45.8	34.9	25.5	25.4	33.0	28.6	29.0	22.9	22.5	22.7	22.5
16	46.8	44.9	45.8	45.8	35.0	24.9	24.0	34.5	29.5	29.3	20.8	23.2	24.7	22.9
17	47.4	44.0	45.5	44.4	31.7	23.9	23.6	30.9	28.4	20.6	21.2	24.0	24.2	23.1
18	45.2	43.7	45.2	44.7	33.5	25.3	24.5	33.0	29.7	20.8	21.3	23.7	23.1	22.7
19	50.2	50.6	53.0	51.3	29.5	17.6	21.6	19.5	17.1	19.4	18.1	15.7	13.2	15.7
20	53.5	51.0	51.3	51.9	21.4	14.4	14.3	19.5	18.6	17.5	14.1	14.0	14.0	14.0
D. 2.ª	47.4	45.7	46.9	46.5	31.7	22.9	23.0	29.7	27.1	26.2	20.3	21.4	21.4	21.0
21	50.0	47.7	48.6	48.8	27.0	16.6	16.6	24.7	22.8	21.4	13.4	17.2	18.3	16.3
22	48.1	45.7	46.0	46.6	31.1	19.9	19.3	30.0	25.5	24.9	16.5	21.2	20.3	19.3
23	45.6	43.4	42.7	43.9	33.5	22.9	22.4	32.9	32.4	29.2	18.2	22.8	21.0	20.7
24	45.9	44.7	46.9	45.8	31.5	24.4	24.4	33.6	25.4	27.8	21.0	23.5	22.0	22.2
25	49.4	47.7	48.2	48.4	27.2	24.4	24.1	26.5	25.4	25.3	22.1	22.4	23.4	22.6
26	48.4	46.9	47.5	47.6	31.1	23.8	22.8	30.5	27.0	26.8	15.9	23.0	22.8	22.4
27	48.0	45.6	46.7	46.8	33.5	25.4	24.7	32.6	28.1	28.5	22.6	22.6	23.4	22.9
28	48.1	48.3	51.3	49.2	29.6	24.0	25.7	29.4	24.0	26.4	22.8	23.7	18.7	21.7
29	53.3	50.9	51.3	51.8	25.4	18.8	18.5	21.5	21.4	21.5	14.9	17.0	18.4	16.8
30	49.0	55.6	46.2	46.9	27.8	19.2	18.8	26.9	25.1	23.6	15.9	20.3	20.7	19.0
31	46.5	54.6	46.0	45.7	33.3	22.7	21.8	32.5	27.0	27.1	19.4	21.2	21.3	20.6
D. 3.ª	48.1	46.4	47.4	47.4	30.4	22.0	21.7	29.2	25.9	25.6	19.0	21.3	20.9	20.4
Mez	47.8	46.3	47.2	47.2	30.9	21.9	23.1	29.5	26.1	25.7	18.9	20.9	20.8	20.2

Observatório meteorológico "D. Bosco" — Curitiba

TABELLA II

Agosto 1914	HUMID. ABSOLUTA (tensão do vapor)				HUMID. RELAT. (grão hygromet.)				NEBULOSIDADE qualidade—quantidade. (0 a 10)				
	6.11 a.	144	8 H	1ed	6.11 a.	144	8 H	Média	6.44 a. m.	1.41 p. m.	8.44 p. m.	Média	
1	11.7	9.3	11.4	10.8	75	34	54	54.3	—	0	—	0	0.0
2	10.9	10.0	12.6	11.2	68	37	60	55.0	—	0	S	1	0.3
3	11.4	10.5	14.8	12.2	70	37	66	57.7	—	0	—	0	0.0
4	12.8	11.9	14.1	12.9	76	36	57	56.3	C	3	S	3	2.0
5	12.8	9.3	12.8	11.6	73	28	54	51.7	—	0	CK	2	1.3
6	12.4	14.6	16.2	14.4	63	46	64	57.7	S	9	S	9	8.7
7	15.9	12.3	15.0	14.4	76	39	62	59.0	N	8	Cs	8	7.7
8	12.1	9.8	14.4	12.1	66	32	62	53.3	—	0	"	2	3.3
9	11.2	13.9	16.2	13.8	70	42	62	58.0	KC	2	K	5	2.3
10	15.4	16.2	14.9	15.2	65	42	53	53.3	—	0	K	7	4.0
D. 1*	12.6	11.6	14.2	12.8	70.2	37.3	59.4	55.6	—	2.2	—	3.7	2.9
11	17.5	15.8	18.3	17.9	75	46	74	65.0	Cs	3	Kn	9	7.0
12	18.0	18.0	20.0	18.7	84	59	73	62.0	N	10	K-Kn	8	9.3
13	17.5	14.1	16.7	16.1	75	38	59	57.3	KC	7	K	5	4.0
14	16.5	13.8	18.7	16.3	74	36	65	58.3	—	0	K	6	2.0
15	17.9	13.8	16.9	16.2	74	37	58	56.3	—	0	K	6	2.0
16	16.3	14.2	20.2	16.9	73	35	67	57.7	—	0	K	6	2.0
17	17.3	17.9	19.9	18.4	80	54	69	67.7	Kn	10	—	0	3.3
18	16.9	16.1	17.0	16.7	74	42	55	57.0	Cs	3	K	6	6.3
19	13.2	10.9	8.9	11.0	70	64	62	63.3	N	10	N	10	10.0
20	11.9	8.5	9.1	9.8	98	51	57	68.7	S	10	S	8	6.0
D. 2*	16.2	14.3	16.5	15.7	77.7	46.2	63.7	62.5	—	5.3	—	6.4	5.1
21	9.5	10.0	12.9	10.8	67	44	62	57.7	—	0	—	0	0.0
22	12.3	13.3	14.5	10.4	73	42	60	58.3	—	0	—	0	0.0
23	13.0	15.4	11.5	13.0	64	38	32	44.7	—	0	Kn	6	2.1
24	16.4	15.3	17.7	16.5	72	39	73	61.3	Ks	5	Kn	6	7.0
25	18.6	17.6	20.2	18.8	83	68	83	78.0	N	10	Kn	10	10.0
26	17.9	16.3	18.0	17.4	87	51	67	68.3	Cs	4	K	2	3.0
27	19.1	14.5	18.5	17.4	83	38	66	62.3	—	0	K-Kn	7	2.3
28	18.8	18.3	12.8	16.6	77	60	57	64.7	Kn	7	Kn	9	8.3
29	10.4	11.9	13.9	12.1	65	61	73	66.3	S	0	Kn	5	5.0
30	11.7	13.7	15.5	13.6	72	52	65	63.0	—	0	—	0	0.0
31	15.3	11.8	15.3	14.1	78	32	58	56.0	—	0	K	1	0.3
D. 3*	14.8	14.4	15.5	14.9	75.5	48.0	63.3	62.3	—	3.0	—	4.0	3.4
Moz	14.5	13.4	15.4	14.4	74.5	43.8	62.0	60.0	—	3.6	—	4.7	3.9

Observatório meteorológico "B. Bosco" — Cuiabá
TABELLA III

Agosto 1914	VENTOS									CHUVA		EVAPORA- ÇÃO as 6 h. am.	HORAS de Insolação	
	Direcção—Força—Velocidade metros por segundo									as 6.44 a.				
	Direc.	Força	Vel.	Direc.	Força	Vel.	Direc.	Força	Vel. média 24 h.	Alt.	Dur.			
1	NE	2	2.0	SE	2	2.0	SE	1	1.2	0.234	—	—	3.4	9.9
2	SE	1	1.3	SW	2	3.3	SW	1	1.5	.448	—	—	4.4	9.9
3	NE	2	2.3	SE	1	1.0	C	0	0.0	.381	—	—	3.1	9.6
4	C	0	0.0	NE	2	2.7	E	1	1.4	.248	—	—	3.8	8.6
5	N	1	1.0	S	1	1.3	SE	1	1.0	.247	—	—	4.0	9.4
6	N	1	1.2	N	1	1.3	C	0	0.0	.280	—	—	4.9	2.8
7	NE	1	1.2	SE	1	1.0	C	0	0.0	.203	—	—	3.9	5.9
8	C	0	0.0	«	1	1.3	C	0	0.0	.273	—	—	4.1	9.8
9	C	0	0.0	N	2	2.0	«	0	0.0	.209	—	—	5.1	9.2
10	NE	1	1.0	N	2	3.0	N	1	1.0	.612	—	—	5.6	8.0
D. 1ª	—	0.9	1.0	—	1.5	2.0	—	0.5	0.6	0.313	0.0	0.0	42.3	83.1
11	C	0	0.0	S	1	1.5	C	0	0.0	0.700	—	2.00	5.3	5.5
12	S	1	1.0	S	1	1.6	C	0	0.0	.559	13.3	—	3.0	3.8
13	«	0	0.0	N	4	6.9	N	1	1.3	.180	—	—	2.5	9.6
14	N	1	1.0	N	3	5.6	C	0	0.0	.728	—	—	4.7	9.5
15	N	1	1.0	N	2	2.4	N	1	1.2	.470	—	—	5.0	8.9
16	C	0	0.0	NW	1	1.3	C	0	0.0	.418	—	—	4.8	8.3
17	S	1	1.3	N	1	1.2	C	0	0.0	.449	—	—	5.0	5.6
18	C	0	0.0	NW	2	3.1	N	1	1.7	.271	—	—	3.5	8.5
19	S	2	2.0	S	3	4.4	S	2	2.8	.114	—	—	5.9	0.0
20	S	1	1.4	«	2	3.8	C	0	0.0	.263	—	—	5.6	5.1
D. 2ª	—	0.7	0.7	—	2.0	3.1	—	0.5	0.7	1.615	13.3	2.00	43.3	64.9
21	C	0	0.0	SE	3	5.6	SE	1	1.2	0.500	—	—	3.3	10.1
22	«	0	0.0	NE	1	1.3	N	1	1.2	.268	—	—	3.7	9.8
23	N	1	1.4	NW	1	1.2	N	1	1.2	.338	—	—	3.7	9.1
24	C	0	0.0	SW	1	1.7	SE	2	2.8	.812	—	4.1	5.8	7.7
25	«	0	0.0	W	1	1.2	C	0	0.0	.741	24.6	—	4.5	0.2
26	«	0	0.0	S	1	1.2	S	1	1.2	.055	—	—	1.7	7.4
27	N	1	1.2	N	1	1.3	C	0	0.0	.135	—	—	2.0	7.3
28	N	1	1.2	S	3	4.2	S	2	3.5	.200	—	—	3.9	2.7
29	S	3	3.8	«	3	3.8	C	0	0.0	1.055	—	—	4.5	2.6
30	NE	1	1.2	C	0	0.0	C	0	0.0	0.403	—	—	2.4	7.2
31	C	0	0.0	NW	2	3.2	«	0	0.0	.078	—	—	2.9	8.8
D. 3ª	—	0.6	0.8	—	1.5	2.2	—	0.7	0.9	0.450	24.6	4.12	38.4	72.9
Mez	—	0.7	0.8	—	1.7	2.4	—	1.6	0.7	0.462	27.9	6.12	124.0	220.9

Observatório meteorológico "EP. Estaca" -- Cuiabá.

TABELLA IV

FREQUENCIA DOS VENTOS durante o mez de Agosto						
Ventos	7 a.	2 p.	9 p.	Som- mas		
N	7	9	6	22	Pressão media mensal	747.2
NE	5	2	1	8	« Extrema maxima dia 20	753.5
E	0	0	1	1	« Minima dia 23	742.7
SE	1	5	2	9	Temperatura mensal ao abrigo	30.9
S	5	7	3	15	Extrema maxima dia 16	35.0
SW	0	2	1	3	« Minima dia 20	14.4
W	0	1	0	1	Tensão mensal do vapor da agua	14.4
NW	0	4	0	4	Maxima tensão — dia 27	19.1
Calma	13	1	16	30	Minima « — dia 20	8.5
Somma	31	31	31	93	Humidade relativa mensal	60.1
					Extrema maxima — dia 20	98.0
					« minima — dia 5	28.0
					Nuvens -- Formas predominantes	K-Kn
					Quantidade media	3.9
					Dias claros	18
					Nublados	10
					Encobertos	3
					Horas de Sol durante o mez	220.9
					Total de chuva cahida	37 ^m / ₁₀₀
					Altura maxima em 24 horas dia 25	24 ^m / ₁₀₀
					Evaporação total ao abrigo	124 ^m / ₁₀₀
					Mayor evaporação, dia 19	5.9
					Menor « dia 26	1.7
					Media mensal da velocidade do vento em metros por segundos	0.462
					Chuvvas afastadas	0
Clasificação das nuvens observadas durante o mez						
qualid.	7 a.	2 p.	9 p.	Som- mas		
C	1	0	0	1		
C.S	3	2	2	7		
C.K	2	1	0	3		
A.C	0	0	0	0		
A.S	0	0	0	0		
SK	1	0	0	1		
K	0	11	1	12		
N	4	1	5	10		
K.N	2	7	2	11		
S	3	4	2	9		
Claros	15	6	16	37		
Nº de dias de:						
Chuvvas				2		
Trovoadas				4		
Relampagos				7		
Tempestade				0		
Arco-iris				0		
Orvalho				7		
Nevociros				14		
Halo lunar				1		
Coroa lunar				0		
Paraselenicos lunares				0		